

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

Fabricio Luís Lovato[1]

Resumo: A profecia do capítulo 8 do livro do profeta Daniel descreve um poder hostil a Deus e Seu povo através do simbolismo de um “chifre pequeno”. Esse símbolo é interpretado de forma quase unânime pelos acadêmicos como se referindo ao rei sírio Antíoco IV Epifânio. No segundo século a.C., Antíoco procurou extirpar a religião judaica, proibindo a observância da lei mosaica, assassinando dezenas de milhares de judeus e profanando o Templo. Apesar disso, algumas objeções são levantadas por estudiosos contra essa identificação profética, que aplicam o símbolo a Roma (pagã e/ou papal) ou a um futuro Anticristo. Nesse artigo, são apresentados argumentos que fundamentam a posição tradicional e respondidas dezoito objeções levantadas contra ela. Através da obra de Daniel, Deus preparou o seu povo para um período de intenso sofrimento que estava alguns poucos séculos à sua frente.

Palavras-chave: Abominação da desolação. Historicismo. Roma. Anticristo. Macabeus.

Abstract: The prophecy of chapter 8 of the book of the prophet Daniel describes a power hostile to God and His people through the symbolism of a “little horn”. This symbol is interpreted almost unanimously by scholars as referring to the Syrian king Antiochus IV Epiphanes. In the second century BC, Antiochus sought to uproot the Jewish religion, forbidding the observance of the Mosaic law, murdering tens of thousands of Jews, and desecrating the Temple. Despite this, some objections are raised by scholars against this prophetic identification, who apply the symbol to Rome (pagan and/or papal) or to a future Antichrist. In this article, arguments that support the traditional position are presented and eighteen objections raised against it are answered. Through the work of Daniel, God prepared his people for a period of intense suffering that was just a few centuries ahead of them.

Keywords: Abomination of desolation. Historicism. Rome. Antichrist. Maccabees.

1. INTRODUÇÃO

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

O capítulo 8 do livro do profeta Daniel[2] apresenta uma visão profética recebida “no terceiro ano do reinado do rei Belsazar”[3] (Daniel 8:1) (550/549 a.C., cf. BALDWIN, 2008, p. 164), dois anos após a visão recebida no capítulo 7 (7:1). Daniel recebe a visão em Sushan (Susã, província de Elam), a qual se tornou a capital de inverno dos reis persas. O rio Ulai citado é o Eulaeus, mencionado também por autores clássicos, um canal artificial que corria de norte a nordeste, perto de Susã (UNGER, 2011, p. 307). Na visão, um carneiro com dois chifres, sendo um destes chifres maior do que o outro (8:3), “dava chifradas para o oeste, para o norte e para o sul, e nenhum animal podia resistir a ele, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder” (8:4). A seguir, Daniel vê um bode vindo do oeste “e percorrendo toda a terra”, com um visível chifre entre os olhos (8:4-5). Em sua fúria, o bode atacou o carneiro e lhe quebrou ambos os chifres. O carneiro não possuía força para resistir a esse ataque (8:7).

O grande chifre do bode foi quebrado e em seu lugar apareceram “quatro chifres bem visíveis, que cresceram na direção dos quatro ventos do céu”, e de um deles, um novo “chifre pequeno” (Daniel 8:8), que passa a ser o foco da profecia. É dito sobre o chifre pequeno que ele: [1] “se engrandeceu na direção do sul, do leste e da terra gloriosa” (8:9); [2] lançou por terra alguns do “exército dos céus” e das estrelas e “os pisou com os pés” (8:10); [3] desafiou o príncipe do exército dos céus, [4] tirou dele o sacrifício diário e [5] lançou por terra o lugar do seu santuário (8:11); [6] “lançou por terra a verdade, e tudo o que ele fez prosperou” (8:12); e [7] sua ação é delimitada por um certo período de tempo: “até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois, o santuário será purificado” (8:14).

Enquanto Daniel estava tentando entender o que lhe fora apresentado, o anjo Gabriel[4] se apresentou para explicar os símbolos da visão (8:15-19). O carneiro com dois chifres representa “os reis da Média e da Pérsia” (8:20), o bode representa “o rei da Grécia” e “o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei” (8:21). Os quatro chifres representam quatro reinos que se levantariam após esse rei, embora não com a sua mesma força (8:22). A imagem diz respeito à rapidez e ao alcance das conquistas de Alexandre, o Grande, bem como a divisão do império grego entre seus quatro generais, após a sua morte, em 323 a.C. (BALDWIN, 2008, p. 165, 169; UNGER, 2011, p. 307). Os domínios de Seleuco estavam no leste (Síria, Babilônia e Pérsia); os de Cassandro, no oeste (Macedônia e Grécia); os de Ptolomeu, no sul (Egito); e os de Lisímaco, no norte (Trácia e grande parte da Ásia Menor) (BARNES, 1861, p. 343; HENRY, 2010, p. 875; WOOD, 2014, p. 227).

Gabriel passa então a explicar as ações que permitiriam identificar na história o “chifre pequeno”. Ele será um “rei cruel e mestre em intrigas” (Daniel 8:23). Possuirá grande poder, “mas não por sua própria força” (8:24). Será próspero em causar “destruições terríveis”, causando danos aos “poderosos e o povo santo” (8:24). Com astúcia, “fará prosperar o engano”. Ele “se engrandecerá, e destruirá muitos que vivem despreocupadamente”. Também “se levantará contra o Príncipe dos príncipes, mas será destruído sem intervenção humana” (8:25). O intérprete angelical termina sua explicação pedindo a Daniel que “guarde a visão em segredo, porque se refere a dias ainda bem distantes” (Daniel 8:26).

A identidade histórica do “chifre pequeno” de Daniel 8 é um dos aspectos para os quais há maior concordância entre os estudiosos bíblicos, tanto conservadores quanto liberais, sejam judeus, católicos romanos ou protestantes. Segundo Ratzlaff, “a maioria dos estudiosos da Bíblia concorda que Daniel 8:9-14 descreve as atrocidades de Antíoco IV” (RATZLAFF, 2014, p. 14). Antíoco IV Epifânio[5], rei helenístico da dinastia selêucida, governou a Síria entre 175 a.C. e 163 a.C. Ratzlaff afirma ainda que “o relato histórico registrado em 1 Macabeus[6] é um cumprimento tão claro de Daniel 8 que eruditos liberais que não acreditam em profecia datam o livro de Daniel por volta de 164 a.C., durante a Revolta dos Macabeus” (2014, p. 14). De acordo com Matthew Henry, “todos concordam que essa ponta [chifre] era Antíoco Epifânio (assim ele chamava-se a si mesmo)” (HENRY, 2010, p. 875). Para Archer Jr., “não pode haver qualquer dúvida de que o chifre pequeno no capítulo 8 indique um rei do império grego, a saber, Antíoco Epifânio” (ARCHER JR., 2018, p. 504).

No segundo século a.C., Antíoco proibiu costumes judaicos como a circuncisão, a guarda do Sábado e das festas e as leis alimentares; puniu com a morte quem possuísse cópias das Escrituras; interrompeu o oferecimento dos sacrifícios diários e profanou o Templo através da construção de um altar para o deus pagão Zeus Olímpico[7] e do oferecimento do sangue de um porco (animal impuro, segundo a lei); e transformou os aposentos do Templo em bordeis públicos. Milhares de pessoas que se recusaram a abandonar a sua fé foram mortas (homens, mulheres, crianças e até mesmo bebês) ou vendidas como escravas. Recomenda-se ao leitor uma leitura dos capítulos 1 e 2 do livro de 1 Macabeus e o capítulo 6 do livro de 2 Macabeus, para uma descrição em mais detalhes de suas ações.

Apesar disso, objeções são feitas contra essa identificação profética por teólogos de linha historicista[8] (em especial, os Adventistas do Sétimo Dia), que aplicam a profecia do

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

“chifre pequeno” de Daniel 8 a Roma pagã e/ou papal[9], e hiperfuturista[10], que a aplicam a um Anticristo futuro/escatológico. Tais objeções são sólidas?

Ao longo desse artigo, serão discutidas dezoito objeções à presença de Antíoco Epifânio em Daniel 8. Para esse fim, foram escolhidos a obra “Questions on Doctrine” (doravante, QOD, 1957) como representativa da primeira visão, e o artigo “The Identity of the Little Horn in Daniel 8: Antiochus IV Epiphanes, Rome, or the Antichrist?” (HASSLER, 2016), como representativo da segunda visão.

2. ARGUMENTOS FAVORÁVEIS À IDENTIFICAÇÃO DO “CHIFRE PEQUENO” COM ANTÍOCO

Por que Antíoco é identificado majoritariamente pelos estudiosos como o cumprimento da profecia do “chifre pequeno” de Daniel 8? Citamos a seguir alguns dos principais argumentos que favorecem essa posição, segundo o esboço de Hassler (2016) (o qual não aceita essa interpretação). As objeções de Hassler serão discutidas na seção seguinte.

§ O chifre pequeno persegue os santos: “Ele destruirá os poderosos e o povo santo” (Dn 8:24). Por cerca de sete anos, Antíoco perseguiu os judeus, começando com o assassinato do sumo sacerdote Onias III, em 170 a.C., e terminando perto de sua morte, em 163 a.C. Antíoco matou oitenta mil pessoas em Jerusalém dentro de um período de três dias (2 Mac 5:14). Ele aterrorizou a cidade e os cidadãos de Jerusalém (1 Mac 1:29–32; Josefo *Ant.* 12.2.3-4) (HASSLER, 2016, p. 35).

§ O chifre pequeno orgulhosamente “engrandeceu-se para ser igual ao comandante do exército” (Dn 8:11). Além disso, “ele se oporá ao Príncipe dos príncipes” (v. 25). Em comparação, as moedas do reinado de Antíoco IV diziam: “Rei Antíoco, Deus manifesto” (HASSLER, 2016, p. 35).

§ O chifre pequeno começa pequeno (v. 9). Antíoco, após o assassinato de Seleuco IV Filopator, usurpou o trono de seu sobrinho, Demétrio I Sóter

(Apiano *Sir.* 45). A ascensão incomum de Antíoco à autoridade reflete o início peculiar do chifre pequeno (HASSLER, 2016, p. 35).

§ O chifre pequeno “será quebrado sem intervenção humana” (Dn 8:25). Causas naturais mataram Antíoco (HASSLER, 2016, p. 35).

§ O chifre pequeno se origina “de um deles” (v. 9). [...] Antíoco certamente atende ao critério de ser um soberano grego que vive cronologicamente depois dos Diádocos[11] (HASSLER, 2016, p. 35-36).

§ O chifre pequeno profana o santuário e interrompe os sacrifícios (Dn 8:11-14). Antíoco realmente interrompeu os sacrifícios (1 Mac 1:41-50) (HASSLER, 2016, p. 39).

3. RESPOSTAS ÀS OBJEÇÕES CONTRÁRIAS À IDENTIFICAÇÃO DO “CHIFRE PEQUENO” COM ANTÍOCO

Apresentaremos a seguir uma lista de objeções encontradas nas obras de referência citadas, sendo cada uma delas seguida por uma réplica.

3.1 Objeção 1

“Antíoco não era um ‘chifre’. Os quatro chifres do bode eram ‘quatro reinos’ (versículo 22), o maior dos quais era o reino selêucida (ou sírio). Antíoco não era um chifre separado, ou reino, mas um dos reis do chifre selêucida e, portanto, parte de um dos chifres.” (QOD, 1957, p. 327).

Resposta:

Chifres podem representar tanto “reinos” (8:22) quanto “reis” (8:20, 21; 7:24), conforme a interpretação dos símbolos concedida na profecia. A respeito do “chifre pequeno” em Daniel 8, é dito claramente que se trata de um “rei” (8:23), que surge a partir de um dos quatro reinos. A palavra hebraica utilizada no verso 23 é *melek*, definida pela obra Strong’s Exhaustive Concordance (#4428) como “rei” e *nunca* traduzida como “nação”, “reino” ou

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

“reinado”. Para esses casos, Daniel utiliza *malkuth* (1:1; 2:1; 8:1, 22; 9:1; 10:13; 11:2, 4, 9, 17, 20, 21), significando “realeza”, “poder real”, “reinado”, “reino”, conforme a obra Strong’s Exhaustive Concordance (#4438). É dito que o chifre pequeno é um rei “cruel” (ou “feroz de semblante”, ACF) e um “mestre em intrigas” (8:23). É difícil aplicar essas características a um reino, ao invés de a um rei específico.

Além disso, o “chifre grande entre os olhos” do bode peludo é identificado como “o primeiro rei (*melek*)” (Daniel 8:21), figura que unanimemente é aplicada a Alexandre, o Grande. O próprio Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia (doravante, CBASD) afirma que “esse chifre representa o primeiro grande rei grego, isto é, Alexandre o Grande” (CBASD, 2018, p. 925). Portanto, “chifres” podem indicar de fato reis individuais na profecia e a primeira objeção a Antíoco cai por terra.

3.2 Objeção 2

“Antíoco não se tornou ‘muito grande’ (versículo 9) em comparação com o império greco-macedônio de Alexandre (versículo 8). Antíoco nem era o rei mais poderoso da divisão selêucida do império de Alexandre.” (QOD, 1957, p. 328). “Embora certos detalhes desta profecia de Daniel 8 possam ser considerados aplicáveis às atividades de Antíoco, a figura desse governante, com seus sucessos moderados e fracassos notáveis, é inteiramente pequena demais para preencher o quadro.” (QOD, 1957, p. 330). “Antíoco não pode ser o chifre pequeno porque acumulou menos país do que o carneiro.” (HASSLER, 2016, p. 37).

Resposta:

A objeção falha porque em qualquer lugar do texto é declarado que o “chifre pequeno” seria maior do que a Pérsia ou a Grécia, ou acumularia maiores territórios do que eles. Não há uma comparação do chifre com os poderes anteriores citados. O que o texto diz simplesmente é que o “chifre pequeno” seria forte em relação a três locais específicos: “na direção do sul, do leste e da terra gloriosa” (8:9)[12] (veja a resposta à Objeção 4).

O objetivo da profecia de Daniel 8 não é simplesmente enquadrar Antíoco dentro da marcha dos eventos históricos mundiais, mas se concentra especialmente no destino do povo e na religião de Deus. Antíoco realizou um ataque sem precedentes e bem-sucedido aos santos e à verdadeira religião, e neste sentido ele se “engrandeceu”. Archer Jr. explica que

no livro de Daniel, considerável atenção é dedicada aos futuros eventos do reinado de Antíoco, pelo importante motivo de que esse período haveria de representar a maior ameaça de toda a história subsequente (a não ser, é claro, o complô de Hamã na época de Ester) à sobrevivência da fé e da nação de Israel. (ARCHER JR., 2018, p. 501).

Segundo o CBASD,

É inegável que a tentativa de Antíoco de forçar os judeus a abandonar a sua religião nacional e sua cultura e adotar em lugar delas a religião, cultura e língua dos gregos é o evento mais significativo da história judaica de todo o período intertestamentário.

A ameaça de Antíoco Epifânio confrontou os judeus com uma crise comparável às crises causadas pelo Faraó, por Senaqueribe, Nabucodonosor, Hamã e Tito. Durante seu breve reinado de 12 anos, Antíoco quase exterminou a religião e a cultura dos judeus. [...] A interrupção dos sacrifícios [...] ameaçou a sobrevivência da religião judaica e a identidade dos judeus como povo. (CBASD, 2018, p. 958).

O significado das ações de Antíoco tende a ser subestimado. Jamais havia ocorrido uma tentativa tão arrogante e sistemática de destruir a fé da nação de Israel no Deus único. Ratzlaff afirma:

Alguns acham que Antíoco IV não foi um grande rei como aquele retratado em Daniel 8, e, portanto, Daniel não teria dado tal espaço a este “homenzinho”. No entanto, sua importância não pode ser superenfaticada. Deixado sozinho, Antíoco IV teria exterminado o povo de Deus, todos os vestígios da lei e o culto judaico. (RATZLAFF, 2014, p. 14).

A esse respeito, citamos ainda o comentário de Baldwin:

O que distingue Antíoco [dos governantes mundiais dos impérios assírio e babilônico] é o fato de ele tentar unificar o seu reino por meio de imposição de uma ideologia particular. Nabucodonosor havia tentado isso em uma ocasião (capítulo 3); um governante estava por vir que faria da religião o seu

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

principal instrumento para impor a sua vontade, precipitando assim um conflito entre a consagração ao único Deus, revelado ao seu povo, e o modo de vida baseado na sabedoria do mundo, inescrupuloso, advogado pela diplomacia. Nesta luta desigual, os servos fiéis de Deus iriam passar por intenso sofrimento. (BALDWIN, 2018, p. 203).

3.3 Objeção 3

“Será que o pequeno chifre se origina de um dos ‘quatro chifres conspícuos’ (ou seja, um dos quatro chifres gregos sucessores de Alexandre, o Grande) ou de um dos ‘quatro ventos do céu’ (ou seja, uma das quatro direções da bússola)? [...] O chifre pequeno não precisa ser grego.” (HASSLER, 2016, p. 35).

“[...] há uma diferença de opinião sobre se ‘de um deles’ significa de um dos reinos dos chifres ou de um dos ‘quatro ventos’ (versículos 8, 9) - isto é, uma das quatro direções do compasso.” (QOD, 1957, p. 327).

Resposta:

Se o “chifre pequeno” surge de um dos “quatro chifres”, isso significa que ele está indubitavelmente ligado ao império grego, e não pode ser romano (Roma emergiu na península italiana, a oeste do império grego, e jamais fez parte do império de Alexandre). Como declarado pelo CBASD, “comentaristas que interpretam o ‘chifre pequeno’ do v. 9 como Roma não podem explicar satisfatoriamente como se poderia dizer que Roma surgiu de uma das divisões do império de Alexandre” (CBASD, 2018, p. 926).

Esse dado corroboraria fortemente a identificação do símbolo com Antíoco, o qual surgiu da divisão selêucida do império. Por outro lado, se o chifre surge de um dos “ventos”, ele poderia representar um novo poder/potência na profecia. Essa leitura do texto é viável?

No hebraico, as palavras podem ser femininas, masculinas ou neutras. Assim, nos versos 8 e 9 temos que: “quatro chifres [feminino] bem visíveis, que cresceram na direção dos quatro ventos [masculino ou feminino] do céu. De um [feminino] deles [masculino] saiu um chifre pequeno [...]”.

Poderia se argumentar que como “chifres” é uma palavra feminina, “[d]eles” é uma palavra masculina e “ventos” pode ser uma palavra masculina ou feminina[13], o “chifre

pequeno” surge de um dos ventos. Contudo, a palavra “um” é feminina, o que ligaria o “chifre pequeno” a um dos quatro chifres. Assim, a Linguística, por si só, não pode resolver a questão da procedência do chifre (cf. notas em CBASD, 2018, p. 925-926).

Mas uma vez que os animais observados na visão dizem respeito a reinos, e o “chifre pequeno” diz respeito a um rei específico de um reino (veja a resposta à Objeção 1), pareceria estranho que esse personagem aparecesse desassociado de um poder real. Daniel contempla os impérios da Pérsia e da Grécia, a divisão do reino de Alexandre e então o aparecimento do “chifre pequeno”. Assim, a sucessão de eventos precedentes parece preparar o contexto histórico para o aparecimento do “chifre pequeno” a partir de um desses reinos.

Afirmar que o texto significa simplesmente que “de um dos quatro pontos cardeais surgiria outro poder” (CBASD, 2018, p. 926) não acrescentaria nada ao significado da visão; é claro que os poderes reais surgem de algum lugar geográfico. Além disso, nas profecias de Daniel e Apocalipse, não vemos chifres crescendo do vento, desassociados de um corpo (Daniel 7:7, 8, 20; 8:3, 5, 6, 7, 8, 20, 21; Apocalipse 12:3; 13:1, 11; 17:3, 7, 16).

Chifres apontam para reis ou divisões dentro de um reino. O animal/besta representa o próprio reino. No capítulo 7, a sucessão de quatro impérios é simbolizada por quatro animais distintos. Se a intenção é apontar para o império de Roma, por que não utilizar um novo animal, ao invés de um simples “chifre”? Por que apenas a Pérsia e a Grécia foram simbolizadas por animais, enquanto Roma teria sido simbolizada por um único chifre? Mais uma vez, Antíoco se encaixa adequadamente na visão do “chifre pequeno” da profecia. Assim, “de um dos quatro poderes ou reinos em que se dividiria o império de Alexandre, surgiria esse ambicioso e perseguidor poder” (BARNES, 1861, p. 343).

3.4 Objeção 4

“Antíoco dificilmente cresceu muito pela conquista (versículo 9). Seu avanço para o ‘sul’ no Egito foi interrompido pela mera palavra de um oficial romano; sua expedição ao ‘leste’ resultou em sua morte; e seu domínio da ‘terra agradável’ da Palestina não durou, pois sua perseguição aos judeus os levou à resistência que mais tarde resultou em sua independência.” (QOD, 1957, p. 328).

Hassler também questiona que as especificações da profecia correspondam adequadamente à carreira militar e às conquistas de Antíoco (HASSLER, 2016, p. 37).

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

Resposta:

As avaliações pessimistas quanto aos sucessos militares de Antíoco parecem exageradas. Segundo Wood,

as conquistas de Antíoco foram principalmente nas áreas indicadas aqui. Quanto ao sul, ele obteve vitórias contra o Egito; quanto ao norte, ele fez campanhas na Mesopotâmia, especificamente Armênia; e quanto à ‘terra gloriosa’ (Palestina), ele veio a exercer domínio total sobre a terra dos judeus. (WOOD, 2014, p. 228).

De acordo com Matthew Henry, “ele cresceu extraordinariamente em direção ao sul, pois se apoderou do Egito, e também para o leste, pois invadiu a Pérsia e a Armênia. Mas os males que causou ao povo judeu são especialmente mencionados” (HENRY, 2010, p. 875). Antíoco lutou contra Ptolomeu Filometor, tomou muitas cidades egípcias e sitiou a Alexandria. Ele teria subjugado todo o país, caso não houvesse sido impedido pelo embaixador romano Popilius. O livro de 1 Macabeus relata as conquistas de Antíoco sobre o Egito:

Quando seu reino lhe pareceu bem consolidado, concebeu Antíoco o desejo de conquistar também o Egito, a fim de reinar sobre dois reinos. Invadiu, pois, o Egito com um poderoso exército, com carros, elefantes, cavaleiros e uma numerosa esquadra. Investiu contra Ptolomeu, rei do Egito, o qual, tomado de pânico, fugiu. Foram muitos os que sucumbiram sob seus golpes. Tornou-se ele senhor das fortalezas do Egito e apoderou-se das riquezas do país. Após ter derrotado o Egito, pelo ano cento e quarenta e três, regressou Antíoco e atacou Israel, subindo a Jerusalém com um enorme exército. (1 Macabeus 1:16-20).

Hassler informa que “a campanha de dois anos de Antíoco no leste foi amplamente bem-sucedida na Armênia, Babilônia, Média e Pérsia”, embora tenha falhado em Elimais e Persépolis (HASSLER, 2016, p. 35). O relato das conquistas orientais de Antíoco pode ser lido em 1 Macabeus 3:21-37.

Seu domínio sobre a Palestina (a “terra agradável”, cf. Salmos 106:23-26, Jeremias 3:18-19, Zacarias 7:7,14) foi bem-sucedido. Antíoco atacou a terra de Israel, matando dezenas de milhares de judeus em sua tentativa de destruir a religião judaica. “Antíoco, em seu retorno do Egito, desviou-se e invadiu a Judéia e, finalmente, saqueou o templo, destruiu Jerusalém e espalhou desolação pela terra” (BARNES, 1861, p. 345). O fato do surgimento de uma resistência que levou à independência da nação não é um problema, pois isso está especificado na própria profecia de Daniel (v. 13-14, 25).

As operações de Antíoco ocorreram precisamente nos locais geográficos delimitados na profecia. Ao chegou ao poder, Roma se expandiu em todas as direções, especialmente ao norte e ao oeste. Roma conquistou grandes regiões do noroeste da Europa e ao noroeste da África. Portanto, esse poder não se encaixa nas especificações proféticas como Antíoco.

3.5 Objeção 5

“Contra que ‘príncipe do exército’ (versículo 11) ou ‘Príncipe dos príncipes’ (versículo 25) Antíoco se opôs? Um mero sacerdote judeu dificilmente é uma figura assim; ‘Príncipe dos príncipes’ poderia ser apenas uma designação incomum para Deus ou Cristo, cuja adoração ele atacou.” (QOD, 1957, p. 328).

Resposta:

A objeção acima parece incorretamente pressupor que, para a interpretação de Antíoco ser verdadeira, o “príncipe dos príncipes” deve ser, exclusivamente, uma referência ao sumo sacerdote Onias III, o qual foi assassinado por ele. Embora alguns intérpretes adotem essa interpretação, ela não é a única possível com a visão que estamos aqui apresentando.

Sem dúvida, as ações de Antíoco contra o sacerdócio e à adoração formal do povo de Deus foram muito mais do que uma afronta ao povo judeu; foram um ataque contra o próprio céu. Baldwin, por exemplo, afirma que “o príncipe tanto das estrelas como dos monarcas” se refere ao “seu Criador e Deus. Este desafio tomou a forma de um ataque sacrílego ao Templo, tal como o que já uma vez havia tido lugar sob Nabucodonosor” (BALDWIN, 2008, p. 167). Matthew Henry afirma que Antíoco “atacou o sumo sacerdote, Onias, a quem despojou de sua dignidade, ou mais precisamente, o próprio Deus, que era o Rei de Israel desde os tempos antigos, que reina para sempre como rei de Sião, que comanda o seu próprio exército, que luta suas batalhas” (HENRY, 2010, p. 875; tb. BARNES, 1861, p. 345-346).

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

Para Swim, que também vê Antíoco em Daniel 8, o “príncipe do exército” se refere ao “eterno Cristo pré-encarnado, que apareceu a Josué, dizendo: ‘mas venho agora como príncipe [‘capitão’] do exército do Senhor’ (Js 5.14)”. Ele questiona: “Quem melhor poderia preencher o papel do Príncipe Ungido preordenado do povo de Deus do que a Segunda Pessoa da Trindade divina?” (SWIM, 2012, p. 530).

3.6 Objeção 6

“Antíoco tirou o ‘sacrifício diário’ do verdadeiro Deus, embora não abolisse os sacrifícios do Templo; ele os substituiu por outros em honra de deuses pagãos. No entanto, ele apenas profanou ‘o lugar de seu santuário’; esse não foi ‘lançado por terra’ até que os romanos o destruíram em 70 d.C.” (QOD, 1957, p. 328).

“Não existe evidência de que ele [Antíoco] destruiu o edifício do santuário, mas ele o saqueou e profanou (1 Mac 1:20-24, 54-55, 59).” (HASSLER, 2016, p. 39).

Resposta:

O texto não afirma, em sua parte simbólica ou na parte interpretativa, que o chifre pequeno “destruiria” o santuário judaico (ao contrário da tradução NAA), mas que este, em linguagem simbólica, seria “deitado abaixo” (v. 11). O clímax da profecia não é sobre a “reconstrução”, mas sobre a “purificação” do santuário (v. 14). Antíoco “derrubou” o lugar do santuário de Deus (8:11) ao encerrar o seu ministério contínuo e estabelecer a “abominação desoladora”, a imagem de Zeus Olímpico, e o sacrifício de suínos no altar de holocaustos.

Segundo Matthew Henry, “ele não queimou nem demoliu o templo, mas o lançou por terra ao profaná-lo, fez dele o Templo de Júpiter Olímpico, e colocou nele a sua imagem” (HENRY, 2010, p. 876). Albert Barnes comenta que “o templo não foi totalmente destruído por Antíoco, mas foi roubado e saqueado, e seus vasos sagrados foram levados. As paredes de fato permaneceram, mas estava desolado, e todo o serviço foi abandonado” (BARNES, 1861, p. 346). Pace afirma que

Antíoco não apenas procreveu o *tāmīd* [holocausto regular], mas também construiu altares idólatras no próprio local do altar sagrado e instituiu sacrifícios de animais proibidos. Porque sacrifícios eram oferecidos no próprio lugar onde o céu e a terra se encontravam - o templo - efetivando a reconciliação entre Deus e a humanidade, essa perda foi devastadora. (PACE, 2008, p. 266).

Young declara que “1 Mac. 1:44-47 descreve o cumprimento dessa profecia” (YOUNG, 1949, p. 172). Em conclusão, apresentamos as seguintes descrições da desolação do templo encontradas no livro de 1 Macabeus:

Serviram de cilada para o templo, um inimigo constantemente incitado contra o povo de Israel, derramando sangue inocente ao redor do templo e profanando o santuário. Por causa deles, os habitantes de Jerusalém fugiram, e só ficaram lá os estrangeiros. Jerusalém tornou-se estranha a seus próprios filhos e estes a abandonaram. Seu templo ficou desolado como um deserto, seus dias de festa se transformaram em dias de luto, seus sábados, em dias de vergonha e sua glória em desonra. (1 Macabeus 1:36-39)

Por intermédio de mensageiros, o rei enviou, a Jerusalém e às cidades de Judá, cartas prescrevendo que aceitassem os costumes dos outros povos da terra. Deviam suprimir holocaustos, sacrifícios e libações no templo; violar os sábados e as festas; profanar o santuário e os santos; erigir altares, templos e ídolos; sacrificar porcos e outros animais impuros. (1 Macabeus, 1:45-47)

3.7 Objeção 7

“Suas tentativas de ‘lançar por terra a verdade’ (versículo 12) não tiveram sucesso. O resultado líquido de sua perseguição foi fortalecer a verdade, unindo os judeus contra a helenização do judaísmo.” (QOD, 1957, p. 328-329).

“Antíoco IV perseguiu os judeus, fazendo com que os judeus se revoltassem e derrubassem seus opressores sírios (1 Mac 1:20-62; 2 Mac 5-6; Josefo Ant. 12.5.3-4).” (HASSLER, 2016, p. 37).

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

Resposta:

O chifre pequeno é bem-sucedido por pelo menos por um período delimitado (v. 13-14), enquanto a “verdade” foi jogada por terra. O povo de Deus sofre nas mãos de um poder que se rebela contra Deus e procura ocupar o Seu lugar. Matthew Henry declarou que

Alguns daqueles que eram mais eminentes tanto na igreja como no governo, que eram luzes importantes e resplandcentes em sua geração, ele os obrigou a se submeterem às suas idolatrias ou os matou. Ele os pegou em suas mãos e depois os oprimiu e os sobrepujou. Como o bom ancião Eleazar e os sete irmãos, a quem matou com cruéis torturas, por terem se recusado a comer carne de porco (2 Mac. 6.7). Ele se gloriou de que, neste fato, insultou o próprio Céu e exaltou o seu trono acima das estrelas de Deus (Is 14.13). (HENRY, 2010, p. 875).

“Lançou, também, a verdade por terra, pisoteou o livro da lei, a palavra da verdade, rasgou-o, e o queimou, e fez o que podia para destruí-lo por completo, para que fosse perdido e esquecido para sempre.” (HENRY, 2010, p. 876).

Pace (2008, p. 266) também encontra pelo menos parte do cumprimento da verdade sendo “lançada por terra” na destruição dos rolos da Torá por Antíoco, conforme registrado em 1 Macabeus 1:56-57: “Rasgavam e queimavam todos os livros da Lei que achavam. Em toda parte, todo aquele em poder do qual fosse encontrado um livro do testamento, ou todo aquele que mostrasse gosto pela Lei, morreria por ordem do rei.”

Por fim, citamos também Albert Barnes a esse respeito: “E lançou a verdade por terra – O verdadeiro sistema de religião, ou o verdadeiro método de adorar a Deus [...]. O significado aqui é que as instituições da verdadeira religião seriam totalmente prostradas. Isso foi plenamente realizado por Antíoco.” (BARNES, 1861, p. 347).

3.8 Objeção 8

“Embora Antíoco não fosse um rei fraco, dificilmente se pode dizer que sua política ambiciosa ‘prosperou’ (versículo 12; compare com o versículo 24), nem sua ‘astúcia ... prosperou em sua mão’ (versículo 25) a fim de atingir seus fins.” (QOD, 1957, p. 329).

Resposta

Antíoco realizou “alianças sem a mínima intenção de sujeitar a observá-las, o que lhe seria inconveniente, motivado somente pelo desejo do seu próprio engrandecimento” (BALDWIN, 2008, p. 204). Ainda segundo Baldwin,

Tendo começado sem ter nenhum direito ao trono, ele fez uso da sua considerável inteligência, magnetismo pessoal e generosidade para fazer progredir a sua causa, não hesitando em silenciar toda oposição que contra ele se levantasse, inclusive ao ponto de depor e executar o sumo sacerdote legítimo Onias III. (BALDWIN, 2008, p. 205).

Wood afirma que “Antíoco foi bem-sucedido em obter o trono, em grande parte por bajulação e suborno” (WOOD, 2014, p. 228). Em sua oposição a Deus e Seu povo, ele “prosperou [...] parecia ter provado o seu ponto de vista, e chegou próximo de eliminar a religião santa que a mão direita de Deus plantara” (HENRY, 2010, p. 876). Matthew Henry ainda declara:

Os métodos pelos quais alcançará esse sucesso, não através da verdadeira coragem, sabedoria ou justiça, mas de sua política e trapaças (v. 25), através do engano, da falsidade e de sutilezas tortuosas: Ele fará o engano prosperar. Com tal destreza conduzirá os seus projetos, que alcançará o seu propósito com base em sutilezas e lisonjas. Por meio da paz ele vai destruir a muitos, e outros através da guerra. Sob pretexto de tratados, associações e alianças com eles, ele desrespeitará os direitos dos outros, e os persuadirá a se submeterem a ele. (HENRY, 2010, p. 878)

Albert Barnes adiciona as seguintes declarações de peso:

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

“E tudo o que ele fizer prosperará’. Isso foi plenamente realizado em Antíoco, que foi inteiramente bem-sucedido em todos os seus empreendimentos contra Jerusalém.” (BARNES, 1861, p. 347).

“Ele [o chifre pequeno] deve seu sucesso em grande medida a uma política artilosa, à intriga e à astúcia. Isso era verdade, em um sentido eminente, de Antíoco.” (BARNES, 1861, p. 355).

“Essa descrição concorda em todos os aspectos com o caráter de Antíoco, uma parte importante de cuja política sempre foi preservar a aparência de amizade, para que ele pudesse cumprir seu propósito enquanto seus inimigos estivessem desprevenidos.” (BARNES, 1861, p. 355).

É realmente difícil lançar dúvidas sobre o fato de que Antíoco prosperou em sua profanação do santuário e em sua perseguição aos crentes fiéis. Enquanto Antíoco era conhecido por sua astúcia e engano, Roma ficou conhecida por sua força bruta e poder.

3.9 Objeção 9

“As tentativas de contar os 2.300 dias (versículo 14) como o período literal da profanação do Templo por Antíoco falham em fazer com que a cronologia se ajuste a qualquer uma das fontes.” (QOD, 1957, p. 329).

“A tarde e a manhã juntas se referem naturalmente a um dia normal, produzindo 2.300 dias. A interrupção dos sacrifícios judaicos por Antíoco não durou 2.300 dias, mas aproximadamente 1.080 dias (1 Mac 1:54; 4:52-54).” (HASSLER, 2016, p. 37).

Resposta:

Há uma diferença de interpretação entre os estudiosos sobre se as “duas mil e trezentas tardes e manhãs” referem-se a 1.150 dias (tratando-se assim de 2.300 sacrifícios da manhã e da tarde, conforme a lei mosaica, durante cerca de três anos e dois meses) ou a um total de 2.300 dias (uma vez que, conforme Gênesis 1, cada dia completo é formado por uma “tarde” e uma “manhã”, denotando assim cerca de seis anos e quatro meses). De qualquer forma, não deixa de ser fascinante que “ambos os períodos de tempo se encaixam na perseguição dos judeus sob Antíoco, dependendo de como se calcula os períodos” (RATZLAFF, 2014, p. 16; ver tb. DAVIS, 2013, p. 109).

Baldwin toma a posição de que “a resposta é dada em termos do número de sacrifícios da tarde e da manhã que não seriam oferecidos (v. 11: cf. Gn 1:5) e, dividindo-se este número por dois pode-se chegar ao número de dias, ou seja, 1.150, durante os quais o santuário será profanado” (BALDWIN, 2008, p. 168). Ratzlaff explica como esse cômputo pode ser realizado:

A profanação da religião de Israel, incluindo perseguição e morte para aqueles que não concordaram com a proclamação de Antíoco, começou pouco tempo antes de Antíoco erguer a abominação da desolação (a imagem de Zeus). No dia 15 de Chislev, no ano 145, o rei erigiu a abominação da desolação. No dia 25 de Chislev, no ano 145, o sacrifício foi oferecido à abominação da desolação. Finalmente, a restauração (purificação) do santuário é registrada em 1 Macabeus 4:36-59 [...]. No dia 25 de Chislev, no ano 148, o santuário foi restaurado e os sacrifícios recomeçaram. O intervalo de tempo entre a ereção da abominação da desolação e a restauração do santuário foi de três anos e 10 dias. Em outras palavras, os 1150 dias excedem em 45-70 dias[14] os três anos e 10 dias que transcorreram entre a ereção da imagem de Zeus no templo e a restauração do santuário. Essa disparidade, no entanto, se encaixa perfeitamente nos fatos descritos em 1 Macabeus, porque a profanação do templo começou algum tempo antes da abominação ser erigida. (RATZLAFF, 2014, 17).

Assumindo um cômputo de 2.300 dias, Matthew Henry explica:

2.300 dias perfazem seis anos, três meses e cerca de dezoito dias. E foi exatamente esse tempo que eles calcularam desde a apostasia do povo, proporcionada por Menelau, o sumo sacerdote, no 142º ano do reinado dos selêucidas, no sexto mês daquele ano, e o 6º dia do mês (assim Josefo o data), até a purificação do santuário e o restabelecimento da religião no meio dele, o que ocorreu no 148º ano, no 9º mês, no 25º dia do mês (1 Mac. 4.52). Deus conta o tempo das aflições do seu povo, pois Ele compartilha esse sofrimento. (HENRY, 2010, p. 876).

Albert Barnes, por sua vez, afirma com maior número de detalhes:

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

Parece provável que o tempo mencionado na passagem diante de nós seja projetado para abranger toda a série de eventos desastrosos, desde o primeiro ato decisivo que levou à suspensão do sacrifício diário ou ao término da adoração a Deus, até o momento em que o “santuário foi purificado”. [...] Devemos, então, olhar para toda a série de eventos como incluídos nos dois mil e trezentos dias, do que para o período em que literalmente o sacrifício diário foi proibido por um estatuto solene. [...]

O *terminus ad quem* - a conclusão do período é marcada e estabelecida. Esta foi a “purificação do santuário”. Isso aconteceu sob Judas Macabeu, em 25 de dezembro de 165 a.C. - Prideaux, iii.265-268. Agora, contando a partir deste período dois mil e trezentos dias, chegamos a 5 de agosto de 171 a.C. A questão é se houve neste ano, e mais ou menos nesta época, quaisquer eventos na série de importância suficiente para constituir um período a partir do qual contar; eventos que correspondam ao que Daniel viu como o início da visão, quando “alguns do exército e das estrelas foram derrubados e pisados”. Agora, de fato, começou no ano 171 a.C. uma série de agressões ao sacerdócio, ao templo e à cidade dos judeus por parte de Antíoco, que terminou apenas com sua morte. Até este ano, as relações de Antíoco e o povo judeu eram pacíficas e cordiais. (BARNES, 1861, p. 350).

A seguir, Barnes acrescenta uma série de informações sobre eventos ocorridos naquele ano (o saque e venda de utensílios de ouro do Templo pelo corrupto sacerdote Menelau para pagar propina a Antíoco, o assassinato do sumo sacerdote legítimo Onias e o ataque dos judeus a Lisímaco, o oficial de Antíoco, o que estimulou a represália por parte de Antíoco).

Esse ataque ao oficial de Antíoco e a rebelião contra ele foram o início das hostilidades que resultaram na ruína da cidade e no encerramento do culto a Deus. - Prideaux, iii.224-226; *Stuart's Hints on Prophecy*, p. 102. [...] Na verdade, pode não ser praticável determinar o número exato de dias, pois as datas exatas não são preservadas na história, mas o cálculo o traz para o ano 171 a.C., o ano que é necessário supor para que os dois mil e trezentos dias sejam completados. (BARNES, 1861, p. 350-351).

Wood comenta que “a partir deste ponto, a opressão aos judeus e a profanação das ordenanças mosaicas por Antíoco se tornaram progressivamente mais severas e continuaram

até o clímax seis anos depois, quando o templo foi restaurado” (WOOD, 2014, p. 234). O alegre evento da reconsagração do santuário passou a ser lembrado anualmente pela festividade de Hanukkah ou “Festa da Dedicção”, a qual o próprio Cristo participou (João 10:22). Essa festa continua até hoje a ser celebrada pelo povo judeu.

3.10 Objeção 10

“Assim, em profecia de tempo simbólico, um dia profético representa um ano real em cumprimento literal. (Veja Num. 14:34 e Eze. 4:6.) Portanto, os 2.300 dias não poderiam representar o mesmo número de dias literais, mas sim o número de anos. Consequentemente, quem insistir que Antíoco é simbolizado pelo chifre pequeno viola o princípio básico do simbolismo, ao literalizar o fator tempo inseparável.” (QOD, 1957, p. 333)[15].

Resposta:

Nem a passagem de Números 14:34 nem a de Ezequiel 4:6 estão lidando com princípios para interpretação de tempos em profecias simbólicas. As “setenta semanas” de Daniel 9:24, invocadas às vezes como “prova” do “princípio dia-ano”, não comprovam o princípio, porque a expressão hebraica é “setenta ‘setes’”.

Aqui [Daniel 9:24], evidentemente, [*shavua'*] se trata de semanas de anos e não semanas de dias, pois, em Daniel 10:2 e 3, quando o profeta deseja especificar que as ‘semanas’ mencionadas são semanas de sete ‘dias’, ele usa a expressão hebraica (*shavua' yamim*) que significa, literalmente, ‘semana de dias’. Setenta semanas de anos seriam 490 anos literais, sem necessidade de aplicar o princípio dia-ano. (CBASD, 2018, p. 937).

De acordo com LeRoy Edwin Froom, a mais antiga exposição do princípio dia-ano foi feita por Benjamin Ben Moses Nahawendi, um judeu caraíta (séculos VIII-IX). Nahawendi calculou um período de “2.300 anos” a partir da destruição de Siló (942 a.C.) e de 1.290 anos a partir da destruição do segundo Templo (70 d.C.), chegando a 1358 d.C. como o “ano Messiânico” (FROOM, 1948, p. 196). No meio cristão, a primeira aplicação de tal princípio foi realizada por Joaquim de Fiori, no século XII (FROOM, 1948, p. 124-125).

Além disso, uma vez que não há uma data de partida para a contagem dos “2.300 anos”, a profecia de Daniel 8 é associada à profecia das “Setenta Semanas” de Daniel 9, cuja

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

data de início é colocada pelos Adventistas do Sétimo Dia em 457 a.C.[16] Assim, nessa interpretação, os “2.300 anos” referir-se-iam a todo o quadro da profecia (impérios medo-persa, grego e romano). Contudo, “a menção de Gabriel à visão no versículo 17 refere-se apenas ao painel mais recente da visão (vv. 9-14), chamado ‘a visão sobre o sacrifício regular’ (v. 13) e ‘a visão sobre as tardes e manhãs’ (v. 26)” (HASSLER, 2016, p. 40). O tempo apontado na pergunta é específico para as ações do “chifre pequeno”. Matthew Henry faz uma paráfrase do sentido da questão:

Até quando a terra formosa será desagradável devido a essa severa interdição? Até quando a transgressão da desolação (a imagem de Júpiter), a grande transgressão que torna desoladas todas as nossas coisas sagradas, até quando ficará ela no templo? Até quando serão o santuário e o exército, o lugar sagrado e as pessoas santas que ministram nele, pisados pelos pés do opressor? (HENRY, 2010, p. 876).

Roma não havia tido nenhum contato com a nação judaica até 161 a.C., e a Palestina só se tornou parte do império romano a partir de 63 a.C. Por conseguinte, se o “chifre pequeno” de Daniel 8 fosse de fato romano, ele não estaria desempenhando nenhum papel até séculos após a data inicial estipulada de 457 a.C.[17] (o quadro é ainda mais agravado se levarmos em conta os desenvolvimentos históricos do papado). Por outro lado, se o período é compreendido como 2.300 dias literais, Antíoco se encaixa adequadamente ao cenário profético (veja a resposta à Objeção 9).

3.11 Objeção 11

“Antíoco não reinou ‘nos últimos tempos’ dos reinos helenísticos do império de Alexandre (versículo 23), mas quase no meio do período.” (QOD, 1957, p. 329).

“O chifre pequeno emerge ‘no último período de seu governo’ (v. 23). Antíoco IV não viveu durante o último período do reino selêucida, mas perto do meio. A dinastia selêucida durou de 311 a 65 a.C., enquanto Antíoco IV reinou de 175 a 164 a.C. Antíoco serviu como o oitavo de mais de vinte governantes do Império Selêucida. Se Daniel tivesse imaginado Antíoco, ele deveria tê-lo colocado no ‘período intermediário de seu governo’.” (HASSLER, 2016, p. 37).

Resposta:

O versículo 22 se refere à existência “quatro reinos” gregos oriundos da divisão do império de Alexandre (WOOD, 2014, p. 241). O reino da Macedônia caiu em 168 a.C.; o reino de Cassandro caiu em 146 a.C.; o reino dos selêucidas (ao qual Antíoco pertenceu), caiu em 65 a.C.; o reino de Ptolomeu durou até 30 a.C. (BARNES, 1861, p. 354). Assim, o reino quádruplo grego começou a chegar ao seu fim quando a Macedônia caiu em 168 a.C. e se tornou uma província romana (WOOD, 2014, p. 242). A profecia prevê o aparecimento do “chifre pequeno” pouco antes dessa época (e não no fim da dinastia selêucida). Antíoco, de fato, reinou de 175 a.C. a 164 a.C.

3.12 Objeção 12

O chifre pequeno reina durante “o tempo do fim” (v. 17). (HASSLER, 2016, p. 37). Hassler entende que o “tempo do fim” deve se referir ao período imediatamente antecedente à segunda vinda de Cristo.

Resposta:

Primeiramente, “tempo do fim” não é a mesma coisa que “fim dos tempos”[18]. Alguns autores interpretam a expressão como significando o final do período da Antiga Aliança de Deus com o povo judeu. Por exemplo, para Young é “o fim do período do AT [Antigo Testamento] e a introdução do novo” (YOUNG, 1949, p. 176). Matthew Henry tem abordagem semelhante: “Também se pode entender o seguinte: ‘No final do tempo da igreja judaica, em seus últimos dias, esta visão será cumprida, daqui a 300 ou 400 anos. Entende-a então, para que possas torná-la pública para as gerações que se seguirão’.” (HENRY, 2010, p. 878).

Segundo outra proposta, Keil entende que “‘tempo do fim’ é a expressão profética geral para o tempo que, como o período de cumprimento, está no fim do horizonte profético existente - no presente caso, o tempo de Antíoco” (citado em MILLER, 1994, p. 231). Para Davis, “não devemos presumir facilmente que isso se refere a assuntos relacionados com a segunda vinda de Cristo. O fim neste contexto parece relacionado à pergunta ‘quanto tempo?’ no versículo 13, o fim da opressão mencionada nos versículos 13-14” (DAVIS, 2013, p. 110). Pace afirma que “o ‘tempo do fim’ mais provavelmente indica o fim das misérias infligidas

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da
posição e respostas às objeções

pelo chifre pequeno, Antíoco” (PACE, 2008, p. 274-275). Baldwin explica de forma mais ampla:

Esta visão se refere ao tempo do fim deve ser interpretado em conexão com o uso profético de “o fim”, pois não significa necessariamente que esteja em questão o fim de todas as coisas, podendo se referir à pergunta feita no versículo 13; o versículo 19 apoia essa interpretação. Ezequiel, citando Amós 8:2, tinha usado a palavra “fim” em 7:2, 3. Para o Reino do Norte, no tempo de Amós, o fim chegara quando da invasão assíria e do cativeiro; para Judá, foi o saque de Jerusalém pelos exércitos babilônicos (cf. Ez 21:25, 29; 35:5). Em ambos os casos, o fim significava o fim da rebelião contra Deus, por ter este intervindo com julgamento. O mesmo sentido se aplica a Daniel 8 (cf. 9:26). (BALDWIN, 2008, p. 168).

Em uma terceira abordagem, Wood (2014, p. 239-240), juntamente com outros estudiosos conservadores, pensam que Daniel 8 retrata Antíoco como um tipo do Anticristo escatológico[19]. Haverá um cumprimento adicional da profecia, através de um terrível tirano com oposição aberta a Cristo e Sua Igreja (cf. Apocalipse 13). Nesse sentido, a profecia cumpre-se historicamente em Antíoco, mas também de uma forma mais completa no futuro, no “tempo do fim”.

3.13 Objeção 13

“A profanação do santuário e a abolição dos sacrifícios ocorre em conexão com a ‘transgressão/abominação que desola’ (Dn 8:11-13; 9:27; 11:31; 12:11). Visto que a abominação da desolação aguardava um cumprimento futuro no tempo de Jesus (Mt 24:15), isso exclui um cumprimento do século II a.C. por Antíoco. [...] Não poderia haver mais clara refutação de uma interpretação do século II a.C.” (HASSLER, 2016, p. 39).[20]

Resposta:

Jesus afirmou: “Quando, pois, vocês virem, situado no lugar santo, o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel (quem lê entenda), então os que estiverem na Judeia

fujam para os montes.” (Mateus 24:15-16). Como pode a profecia do “abominável da desolação” ter se cumprido em Antíoco, se Jesus o coloca como um evento no futuro?

Para Jesus, “o significado da expressão não foi esgotado pela sua aplicabilidade às afrontas de Antíoco Epifânio” (BALDWIN, 2008, p. 185). Ratzlaff comenta que “Jesus está fazendo uma conexão entre a destruição de Jerusalém que viria em 70 d.C. com os eventos em torno da abominação da desolação de Antíoco IV, um ídolo de Zeus Olímpico, que ele ergueu sobre o altar de holocaustos em 167 a.C.” (RATZLAFF, 2014, p. 18). Assim, “em Mateus 24:15-18 Jesus adverte os cristãos judeus que a destruição de Jerusalém em breve seguirá o padrão das atrocidades de Antíoco IV e eles devem estar prontos para partir com pressa” (RATZLAFF, 2014, p. 20).

Há vários lugares nas Escrituras onde há uma profecia ou evento que se torna um tipo do que se segue. Acredito que isso seja verdade em Daniel em relação à abominação da desolação e em João em relação ao anticristo. O mesmo conceito é visto na fé de Abraão, que Paulo mostra ser um tipo de justiça da nova aliança pela fé em Romanos 4. (RATZLAFF, 2014, p. 20)

Em resumo, um cumprimento tipológico de Daniel 8 não invalida o seu cumprimento histórico em Antíoco.

3.14 Objeção 14

“Antíoco foi ‘feroz’ com os judeus, mas não era conhecido por ‘entender sentenças sombrias’ (versículo 23).” (QOD, 1957, p. 329).

Resposta:

O CBASD afirma: “Alguns creem que o significado nesta passagem [da palavra hebraica *chidhoth*] seja ‘linguagem ambígua’ ou ‘duplicidade’.” (CBASD, 2018, p. 931). Baldwin explica que

Entendido de intrigas (BJ, “capaz de penetrar os enigmas”) usa o equivalente hebraico da palavra “enigmas” em 5:12. Intelectualmente bem-dotado, este governante terá uma grande capacidade tanto para o bem

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

como para o mal; seu poder alcançará os seus fins ao preço de vidas humanas, inclusive o povo dos santos [...]; e, atacando o povo de Deus, ele estará desafiando o próprio Deus (Zc 2:8).” (BALDWIN, 2008, p. 169-170).

Citamos também Albert Barnes a esse respeito:

Gesenius (*Lexicon*) explica a palavra aqui traduzida como “sentenças obscuras” como significando artifício, truque, estratagema. Isso concordará melhor com o caráter de Antíoco, que se distinguia mais por habilidade e política do que por sabedoria ou por explicar enigmas. O significado parece ser que ele seria político e astuto, procurando abrir seu caminho e cumprir seu propósito, não apenas pelo terror que inspirava, mas por engano e astúcia. Que este era o seu caráter é bem conhecido. (BARNES, 1861, p. 354).

3.15 Objeção 15

“Seu ‘poder’ não era excepcionalmente ‘poderoso’, nem se pode dizer que ‘não foi por seu próprio poder’ (versículo 24). Pelo menos tais frases não dão nenhuma confirmação particular à identificação de Antíoco.” (QOD, 1957, p. 329).

Resposta:

Antíoco começou pequeno e se tornou grande. Ele não era o primeiro na fila para suceder seu irmão mais velho, Seleuco IV, mas através de manipulação política (ele era um “mestre da intriga”, 8:23), conseguiu tirar o seu sobrinho do caminho e obter o trono.

Barnes afirma que “não pode haver dúvida de que o suborno e a promessa de recompensas a outros foram usados para garantir seu poder” (BARNES, 1861, p. 344).

Embora não tão poderoso quanto Alexandre, suas conquistas do Egito e de outros lugares mostram que ele merecia ser contado entre os poderosos reis da terra. [...] Antíoco estava entre os reis mais bem-sucedidos em suas várias expedições. Particularmente ele foi bem-sucedido em seus empreendimentos contra a terra santa. (BARNES, 1861, p. 354).

Matthew Henry comenta que

Ele causará uma destruição apavorante entre as nações ao seu redor: Seu poder será imenso, destruirá todos diante de si, não apenas pelo seu próprio poder (v. 24), mas parcialmente pela ajuda de seus aliados, Eumenes e Attalus, em parte pela vileza e deslealdade de muitos dos judeus, até mesmo dos sacerdotes que estavam envolvidos com os seus interesses e, em especial, pela permissão divina. Não foi por seu próprio poder, mas através de um poder que lhe foi dado de cima, para que destruísse maravilhosamente, e acreditava ter-se tornado um homem notável por ser um destruidor formidável. (HENRY, 2010, p. 878).

3.16 Objeção 16

“Antíoco não foi ‘quebrado sem mãos’ (versículo 25); não há sugestão de nada milagroso ou misterioso sobre seu fracasso com os judeus ou sua morte.” (QOD, 1957, p. 329).

Resposta:

Baldwin interpreta a afirmação como significando que “a sua queda não será resultado de esforços humanos” (BALDWIN, 2008, p. 170). Matthew Henry declara que “ele será quebrado sem mão, quer dizer, sem a mão do homem. Ele não será morto em guerra, nem assassinado, como geralmente os tiranos o eram, mas cairá na mão do Deus vivo e morrerá por um golpe direto da vingança dele” (HENRY, 2010, p. 879). Albert Barnes apresenta a evidência histórica:

Segundo o autor do primeiro livro dos Macabeus (1 Mac. 6:8-16), ele morreu de tristeza e remorso na Babilônia. Ele estava em uma expedição à Pérsia, e lá sitiou Elimais, foi derrotado, e fugiu para a Babilônia, quando, sabendo que suas forças na Palestina haviam sido repelidas, penetrado de dor e remorso, ele adoeceu e morreu. De acordo com o relato do segundo livro dos Macabeus (2 Mac. 9), sua morte foi muito angustiante e horrível. [...] Todas as declarações dadas sobre sua morte, pelos autores dos livros dos Macabeus, por Josefo, por Políbio, por Q. Curtius e por Arriano (veja as citações em Prideaux), concordam em representá-la como acompanhada de todas as circunstâncias de horror que podem muito bem acompanhar uma

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

partida deste mundo e como tendo todas as marcas do justo julgamento de Deus. (BARNES, 1861, p. 355).

O registro de 2 Macabeus 9:5-12, 28, associa a queda de Antíoco a uma doença intestinal que o deixou louco. Matthew Henry afirma que

Os vermes se procriavam tão rápido em seu corpo que, às vezes, lascas inteiras de carne caíam dele. Seus sofrimentos eram violentos, e o mau cheiro de sua doença era tamanho que ninguém conseguia suportar chegar perto daquele homem. Ele permaneceu nesse sofrimento por muito tempo. (HENRY, 2010, p. 879).

Sem dúvida, a morte de Antíoco pode ser descrita como tendo ocorrido “sem intervenção humana” (Daniel 8:25).

3.17 Objeção 17

“Encontrar, como alguns fazem, o papado como o chifre pequeno no capítulo 7, e Antíoco como o chifre pequeno no capítulo 8, é desequilibrar as duas profecias – interferir no paralelo óbvio entre as duas séries de poderes mundiais apresentados”. (QOD, 1957, p. 329).

Resposta:

A objeção acima pode ser apresentada através do seguinte silogismo:

P1: O chifre pequeno de Daniel 7 e o chifre pequeno de Daniel 8 representam o mesmo poder.

P2: O chifre pequeno de Daniel 7 não é Antíoco Epifânio.

C: Logo, o chifre pequeno de Daniel também 8 não é Antíoco Epifânio.

Acreditamos que esse artigo tem apresentado um bom número de razões para identificar Antíoco como o cumprimento de Daniel 8 e respondido adequadamente às objeções contra essa identificação. Swim afirma que “quase que sem exceção os intérpretes concordam em que, independentemente de quem seja o pequeno chifre do capítulo 7, se o

Anticristo ou outro, o pequeno chifre do capítulo 8 é Antíoco Epifânio” (SWIM, 2012, p. 532).

Uma comparação entre Daniel 7 e Daniel 8 estaria além do escopo de nossa proposta, mas duas observações podem ser feitas sobre as premissas apresentadas. Um grande número de estudiosos bíblicos questiona a premissa 1. Baldwin (2008, p. 171-172), por exemplo, entende que diferenças entre os capítulos e os dois “chifres pequenos” apontam para dois poderes distintos nos capítulos 7 e 8 de Daniel; não existe um “paralelo óbvio”, como afirma a objeção. Logo, se o “chifre pequeno” do capítulo 7 não é Antíoco, nada impede que ele o seja no capítulo 8.

Por outro lado, há também um número de estudiosos que questionam a premissa 2. Nesse caso, Antíoco é realmente o chifre pequeno em ambos os capítulos (por exemplo, GURNEY, 1980). Mais uma vez, não é possível aqui uma análise detalhada das duas visões, mas destacamos que a objeção apresentada não é intransponível.

3.18 Objeção 18

A correlação de Antíoco com as profecias de Daniel “foi propagada como uma tentativa pagã de refutar a profecia e, assim, desacreditar a religião cristã, mostrando que o livro de Daniel foi escrito após os eventos que deveria prever” (QOD, 1957, p. 337).

Resposta:

O argumento refere-se ao ataque feito à historicidade do livro de Daniel pelo filósofo neoplatônico Porfírio (232- c. 305 d.C.), o qual considerava as passagens proféticas em Daniel como a narrativa de um autor desconhecido vivendo durante o tempo de Antíoco Epifânio. Essa conclusão partiu da clara correspondência dos detalhes da profecia de Daniel com a carreira de Antíoco (BARNES, 1861, p. 357) e da premissa (aceita pelos teólogos liberais da atualidade) de que o autor não poderia prever o futuro (BALDWIN, 2018, p. 69).

Contudo, é inadequado descartar todas as evidências aqui fornecidas a favor de Antíoco porque um escritor pagão realizou tal associação. Além disso, a associação da profecia de Daniel 8 com Antíoco antecede Porfírio em séculos. Como afirma Hassler, “de fato, a interpretação de Antíoco já existia em fontes antigas como a LXX e o Livro dos Macabeus” (HASSLER, 2016, p. 39).

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

O livro de 1 Macabeus associa a “abominação da desolação” de Daniel 8 com Antíoco:

“No dia quinze do mês de Casleu, no ano cento e quarenta e cinco [168 a.C.], Antíoco fez erigir a Abominação da desolação sobre o altar. Também construíram altares em todas as cidades vizinhas de Judá” (1 Macabeus 1:54).

“Eles tinham também destruído a Abominação edificada por ele sobre o altar, em Jerusalém, e haviam cercado o templo com altas muralhas, como outrora, assim como a cidade de Betsur.” (1 Macabeus 6:7)

Daniel 8:10 é citado em 2 Macabeus 9:10 (cf. HASSLER, 2016, p. 40; YOUNG, 1949, p. 171; BARNES, 1861, p. 345):

“Ele se engrandeceu tanto, que alcançou o exército dos céus. Lançou por terra alguns desse exército e das estrelas e os pisou com os pés.” (Daniel 8:10)

“Aquele que até há pouco sonhava tocar os astros do céu, agora ninguém podia suportá-lo por causa do mau cheiro que dele saía!” (2 Macabeus 9:10)

A Versão Siríaca do livro de Daniel (a tradução conhecida como Peshitta) inseriu no verso 9 do capítulo 8 de Daniel as palavras “Antíoco Epifânio” (BARNES, 1861, p. 344). Flávio Josefo (37-100 d.C.), historiador judeu do primeiro século, afirmou:

Daniel escreveu que teve essas visões na planície de Susa; e ele nos informou que Deus interpretou o aparecimento desta visão da seguinte maneira: Ele disse que o carneiro significava os reinos dos medos e persas, e os chifres os reis que deveriam reinar neles; e que o último chifre significava o último rei, e que ele deveria exceder a todos os reis em riqueza e glória; que o bode significava que alguém deveria vir e reinar dos gregos, que deveriam lutar duas vezes com o persa e vencê-lo na batalha, e deveria receber todo o seu domínio: que pelo grande chifre que brotou da testa do bode se referia ao primeiro rei; e que o surgimento de quatro chifres ao cair, e a conversão de cada um deles aos quatro cantos da terra, significava os sucessores que deveriam surgir após a morte do primeiro rei, e a divisão do reino entre eles, e que eles não devem ser nem seus filhos, nem de seus parentes, que devem reinar sobre a terra habitável por muitos anos; e que

dentre eles deve surgir um certo rei que deve vencer nossa nação e suas leis, e deve tirar seu governo político, e deve destruir o templo, e proibir os sacrifícios a serem oferecidos por três anos. E, de fato, aconteceu que nossa nação sofreu essas coisas sob Antíoco Epifânio, de acordo com a visão de Daniel, e o que ele escreveu muitos anos antes de acontecerem. (Antiguidades dos Judeus X:11:7)

Após uma descrição dos acontecimentos do governo de Antíoco IV e da revolta dos Macabeus, Josefo afirma:

Esta desolação aconteceu ao templo no ano cento e quarenta e cinco, no vigésimo quinto dia do mês de Apeliens, e na centésima quinquagésima terceira olimpíada; mas ele foi dedicado novamente, no mesmo dia, o vigésimo quinto do mês de Apeliens, no ano cento e quarenta e oito, na centésima quinquagésima quarta olimpíada. E esta desolação aconteceu de acordo com a profecia de Daniel, que foi dada quatrocentos e oito anos antes; pois ele declarou que os macedônios dissolveriam esse culto [por algum tempo]. (Antiguidades dos Judeus XII:4:6)

Hipólito de Roma (170-236 d.C.) escreveu o mais antigo comentário cristão conhecido do livro de Daniel. Ele afirmou sobre o “chifre pequeno” de Daniel 8:

Pois, quando Alexandre se fez senhor de toda a terra da Pérsia e reduziu seu povo à sujeição, ele morreu, depois de dividir seu reino em quatro principados, como foi mostrado acima. E a partir daquele momento, “um chifre foi exaltado e se engrandeceu até o poder do céu; e por ele o sacrifício”, diz ele [Daniel], “foi perturbado, e a justiça foi lançada por terra”. Pois surgiu Antíoco, de sobrenome Epifânio, que era da linhagem de Alexandre. E depois de ter reinado na Síria, e submetido a si todo o Egito, subiu a Jerusalém, e entrou no santuário, e apoderou-se de todos os tesouros da casa do Senhor, e do candelabro de ouro, e da mesa, e do altar, e fez uma grande matança na terra. (Comentário de Daniel)

Jerônimo escreveu um comentário do livro de Daniel, como uma réplica a Porfirio. Nessa obra identificou o chifre pequeno de Daniel 8 com Antíoco: “Se lermos os livros dos Macabeus e a história de Josefo, vamos encontrar registrados lá que [...] Antíoco entrou em Jerusalém e, depois de provocar uma devastação geral, voltou novamente no terceiro ano e

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da posição e respostas às objeções

ergueu a estátua de Júpiter no Templo.” (citado em SWIM, 2012, p. 530). Swim afirma que, para Jerônimo, “tão clara quanto é a imagem de Antíoco aqui, oculta-se no pano de fundo uma outra, a do temerário Anticristo. Jerônimo aponta para esse fato e sugere que Antíoco é um tipo do Anticristo, como Salomão era de Cristo, o Ungido” (SWIM, 2012, p. 532).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo, consideramos as evidências favoráveis à identificação do “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8 com o rei grego Antíoco Epifânio, bem como as objeções contrárias a essa posição. Concluímos que as objeções foram “pesadas na balança e achadas em falta” (Daniel 5:26). Concordamos com Ratzlaff que “Daniel 8:9-14 é uma referência clara às atrocidades de Antíoco IV contra os judeus, a lei, o santuário literal e a adoração a Deus” (RATZLAFF, 2014, p. 20).

Através das revelações dadas ao profeta Daniel, Deus preparou o seu povo para um período de intenso sofrimento que estava à sua frente[21]. Nas palavras de Matthew Henry, a profecia foi dada para que “pudessem saber que adversidades estavam diante deles e qual seria a conclusão, e assim pudessem se precaver de antemão” (HENRY, 2010, p. 873).

A queda histórica do “chifre pequeno” nos aponta a certeza do julgamento para aqueles que resistem a Deus e oprimem a Seu povo. O santuário seria restaurado, e a comunhão com Deus seria possível mais uma vez. Apesar das tribulações pelas quais possamos viver no presente, a vitória é certa no final. Por isso, “vivamos neste mundo de forma sensata, justa e piedosa, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:12-13).

REFERÊNCIAS

- ARCHER JR., Gleason L. **Panorama do Antigo Testamento**. Edição Revisada e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- BALDWIN, Joyce G. **Daniel**. Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BARNES, Albert. **Notes, Critical, Illustrative, and Practical, on the Book of Daniel, with an Introductory Dissertation.** New York: Leavitt & Allen, 1861.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Volume 4. Isaías a Malaquias. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

DAVIS, Dale Ralph. **The Message of Daniel.** His Kingdom Cannot Fail. The Bible Speaks Today. Downers Grove: IVP Academic, 2013.

FLÁVIO JOSEFO. **The Works of Flavius Josephus.** Translated by William Whiston. Disponível em: <<https://www.ccel.org/j/josephus/works/JOSEPHUS.HTM>>.

FROOM, Leroy Edwin. **The Prophetic Faith of Our Fathers.** The Historical Development of Prophetic Interpretation. Volume II. Pre-Reformation and Reformation Restoration, and Second Departure. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1948.

GURNEY, Robert J. M. **God in Control:** An Exposition of the Prophecies of the Book of Daniel. Worthing: H.E. Walters Ltd., 1980.

HASSLER, Mark. The Identity of the Little Horn in Daniel 8: Antiochus IV Epiphanes, Rome, or the Antichrist? **The Master's Seminary Journal**, v. 27, n. 1, p. 33-44, 2016.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico.** Antigo Testamento. Isaías a Malaquias. Edição Completa. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

HIPÓLITO DE ROMA. **The Extant Works and Fragments of Hippolytus.** Translated by the Rev. S. D. F. Salmond. Disponível em: <<https://www.earlychristianwritings.com/text/hippolytus-exegetical.html>>.

MILLER, Stephen R. **Daniel.** New American Commentary, 18. Nashville: Broadman & Holman, 1994.

PACE, Sharon. **Daniel.** Smyth & Helwys Bible Commentary. Macon: Smyth & Helwys Publishing, Inc., 2008.

QUESTIONS ON DOCTRINE. An Explanation of Certain Major Aspects of Seventh-Day Adventist Belief. Prepared by a Representative Group of Seventh-day Adventist Leaders, Bible Teachers, and Editors. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1957.

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da
posição e respostas às objeções

RATZLAFF, Dale. Daniel 8:14 studied in context — Antiochus IV Epiphanes: Is he the little horn? **Proclamation! Magazine**, v. 15, n. 1, p. 14-20, 2014.

STRONG, James. **Strong's Exhaustive Concordance of the Bible**. 1890. Disponível em: <<https://biblehub.com/strongs.htm>>.

SWIM, Roy E. O Livro de Daniel. In: PRICE, Ross E. et al. (Eds.) **Comentário Bíblico Beacon**. 4. Isaiás a Daniel. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012. p. 496-549.

UNGER, Merrill Frederick. **Manual Bíblico Unger**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

WOOD, Leon J. **Comentário de Daniel**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2014.

YOUNG, Edward J. **The Prophecy of Daniel: A Commentary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1949.

[1] Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, Mestre em Bioquímica Toxicológica e Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico Batista do Sétimo Dia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Professor no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), em Pelotas – RS. Contato: fabricao.biotox@gmail.com

[2] Nesse trabalho, pressupomos a visão conservadora quanto à autoria e data de composição do livro de Daniel, constituindo a obra uma profecia de real inspiração divina. Para uma defesa desse posicionamento, consulte ARCHER JR., 2018, p. 479-510.

[3] Salvo outra indicação, as referências bíblicas são obtidas da versão Nova Almeida Atualizada. Referências dos livros de 1 e 2 Macabeus são obtidas da versão bíblica católica Ave Maria.

[4] Gabriel é o primeiro anjo mencionado por nome na Bíblia. Ele também desempenha um papel importante no Novo Testamento, ao anunciar os eventos da redenção ligados aos nascimentos de João Batista e de Cristo (Lucas 1:19, 26).

[5] “Epifânio” ou “Epífanos” (“Magnífico”) era denominado “Epímanes” (o “louco”) pelos seus opositores.

[6] Embora 1 Macabeus não seja aceito como uma obra canônica pelos protestantes, é em geral considerado um relato histórico confiável do período macabeu.

[7] A “abominação da desolação”, “transgressão desoladora” ou “transgressão assoladora”, citada em Daniel 8 e 11.

[8] O Historicismo (ou visão histórico-contínua da profecia) interpreta as profecias de Daniel e Apocalipse como uma descrição sequencial de eventos se desdobrando ao longo da história da Igreja, até à segunda vinda de Cristo. Foi um método de interpretação bastante comum na época da Reforma. Mas não há nada na posição historicista em si que negue a presença de Antíoco em Daniel 8.

[9] Essa identificação é crucial para sua doutrina singular do juízo investigativo de 1844.

[10] Denominamos como “hiperfuturismo” a tendência de relegar a maior parte das profecias bíblicas para um futuro escatológico, negando um reconhecimento de seu cumprimento em eventos históricos do passado.

[11] Os generais de Alexandre, que disputaram entre si o império Macedônico.

[12] Como traduz a NTLH: “De um desses chifres nasceu um chifre pequeno, que foi crescendo e se estendendo para o sul, para o leste e para a Terra Prometida.” (Daniel 8:9, NTLH)

[13] Contudo, note-se que em outros textos Daniel emprega o substantivo no feminino (8:8, 11:4).

[14] A diferença depende de quantos dias se computa para um ano.

[15] Mas note-se, por exemplo, que os “mil anos” de Apocalipse 20 são interpretados literalmente, apesar de todos os simbolismos presentes no mesmo capítulo (QOD, 1957, p. 14).

[16] Não será possível nesse espaço abordar de forma profunda a questão, mas os argumentos para uma conexão temporal e contextual entre as profecias de Daniel 8 e Daniel 9 são frágeis. Há um espaço de onze anos separando as visões.

[17] E caso a data final dos “2.300 anos” seja calculada para o ano de 1844, aconteceu algo com Roma nesse ano específico? O papado foi de alguma forma “destruído sem intervenção humana” (8:25) ao final desse período? Não há nenhum evento histórico identificável com o término proposto nessa interpretação.

[18] Ao falar do fim escatológico, Daniel utiliza uma expressão distinta, o “fim dos dias”: *qets hayyamîn*. “Você descansará e, ao fim dos dias, se levantará para receber a sua herança.” (Daniel 12:13)

[19] Por exemplo, muitos estudiosos veem uma transição da figura de Antíoco, em 11:21-35, para a figura do Anticristo, em 11:36-45. Não entraremos aqui nos méritos dessa interpretação.

[20] O CBASD também argumenta que a referência de Jesus impede que Antíoco seja o cumprimento de Daniel 8. Mas, na mesma página, afirma que Daniel 8:11-13 é uma “profecia dupla”, que se aplica à “destruição do templo e de Jerusalém pelos romanos” e “à obra do papado na era cristã” (2018, p. 964). Então, por que a “profecia dupla” não poderia envolver a profanação tanto de Antíoco quanto a de Roma?

Por que Antíoco IV Epifânio é o “chifre pequeno” da profecia de Daniel 8: Uma defesa da
posição e respostas às objeções

[21] Veja também João 16:1.